



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**FERNANDO JÚNIOR ADÃO ANTÓNIO**

**CASAMENTO TRADICIONAL NA ETNIA BAKONGO (KAMALONGO)  
EM LUANDA-ANGOLA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2018**

**FERNANDO JÚNIOR ADÃO ANTÓNIO**

**CASAMENTO TRADICIONAL NA ETNIA BAKONGO (KAMALONGO)  
EM LUANDA-ANGOLA**

Trabalho de conclusão de curso submetido à universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Drº. Bas' Ilele Malomalo.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2018**

**FERNANDO JÚNIOR ADÃO ANTÓNIO**

**CASAMENTO TRADICIONAL NA ETNIA BAKONGO (KAMALONGO)  
EM LUANDA-ANGOLA**

Trabalho de conclusão de curso submetido à universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título do grau de Bacharel interdisciplinar em humanidades.

Aprovado em: 04/06/2018

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Bas 7lele Malomalo (Orientador)**

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof. Dr. Ercílio Langa**

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fábria Barbosa Ribeiro**

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>DELIMITAÇÃO DO TEMA</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS DA PESQUISA</b>	<b>7</b>
2.1	OBJETIVO GERAL	7
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
<b>3</b>	<b>HIPÓTESE</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>8</b>
<b>5</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>10</b>
5.1	RITOS NÚPCIAS EM ÁFRICA E EM ANGOLA	10
5.2	POVOS BAKONGOS E SUA CULTURA	11
5.3	CASAMENTO TRADICIONAL OU KAMALONGO	13
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>15</b>
<b>7</b>	<b>COLETAS DE DADOS</b>	<b>16</b>
7.1	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	17
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA DE TRABALHO</b>	<b>17</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>18</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>20</b>

## 1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Segundo Domingos, “Angola é um país que está situado na costa ocidental do continente africano faz fronteira a norte e nordeste com a República Democrática do Congo, a leste com a Zâmbia, a sul com a Namíbia e a oeste com o oceano atlântico. A República de Angola ocupa uma extensão territorial de 1.246.700 km<sup>2</sup> e está dividida administrativamente em 18 províncias e a sua capital é Luanda. O país é rico em recursos naturais, em especial os vários recursos minerais, com destaque para o petróleo que é também a maior fonte de riqueza do país.” (DOMINGOS, 2016, p. 17). O país conta com cerca de dez grupos étnicos, sendo que os três maiores grupos, Ovimbundu, Ambundo e Bakongo somam 75% da população.

Sua capital Luanda, segundo Agostinho (2011, p. 46 apud DOMINGOS, 2016. p. 18), foi fundada no dia 25 de janeiro de 1576, pelo navegador português Paulo Dias de Novais, está localizada na costa do oceano atlântico com 18.826 km<sup>2</sup> de área. Segundo o INE (Instituto Nacional de Estatística de Angola), Luanda tem aproximadamente 7 976 907 milhões de habitantes, na sua maioria pertencem a etnia Ambundo e tem como língua oficial o Kimbundo.

Em 2011 a província sofreu uma reforma administrativa, hoje conta com sete municípios: Cacuaco, Cazenga, Luanda, Belas, Icolo Bengo, Quissama e Viana. Luanda tem como as principais atividades a pesca e a agricultura.

A ideologia colonial, no campo social, para além de impulsionar a crise de valores culturais, dividiu os Angolanos em duas classes sociais: “assimilados” e “indígenas”. Entre as mesmas a perda de valores culturais viria afetar mais a classe “assimilada”, devido ao contato direto e quase sempre permanente com o colonizador, os “assimilados” procuravam pautar a sua conduta de acordo com os padrões da cultura portuguesa. (AGOSTINHO, 2011 apud DOMINGOS, 2016, p 21).

De acordo com Pereira (2000), durante a luta pela independência de Angola no período de 1961 a 1974 inúmeras pessoas do grupo etnoliguístico Bakongo imigraram para o país vizinho atual República do Congo buscando assim boas condições de vida.

Depois do cessar fogo declarado no dia 11 de novembro de 1975 pelos três movimentos de libertação<sup>1</sup> de Angola, MPLA (Movimento Popular Para Libertação de Angola.), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), UNITA (União Nacional Para

---

<sup>1</sup> Esses três movimentos depois da libertação de Angola do jugo colonial Português, Pereira (2000) afirma que houve a impossibilidade da criação de um só governo Angolano. Desta feita iniciou-se então uma guerra civil entre eles com participações de diferentes forças militares estrangeiras, como: Cuba, EUA, União Soviética, África do Sul e o antigo Zaire. Esta guerra teve como o vencedor o MPLA que assumiu o poder sozinho desde 1975 até os dias atuais.

Independência Total de Angola), os Bakongo que por muito tempo viveram na República do Congo começavam a regressar para o começo de uma nova vida em Angola, instalando-se então nas províncias do Zaire, Uíge, alguns em Cabinda e a sua maioria em Luanda. (PEREIRA, 2000, p. 1). Na África, os Bakongo não só vivem em Angola, como também na República do Congo e na República democrática do Congo etc.

O aprendizado do modo de vida urbano de Kinshasa, comparado com o luandense, diferenciava os regressados em diversos aspectos: no vestuário, na alimentação, no tipo de habitação, nas práticas religiosas e em outros hábitos e costumes. Esse modo de vida era percebido pelos regressados como “uma cultura mais africana” em oposição à dos luandenses, considerados mais voltados para Portugal e para o Brasil. (PEREIRA 2000, p. 50).

A partir desse entendimento constitui-se a pergunta de partida com o intuito de compreender de que forma os luandenses encaram o casamento tradicional Bakongo (Kamalongo) sendo umas das cerimónias muito ritualizada e dispendioso?

Costa (2015) apoiando-se em Turner e Schechner, faz uma comparação daquilo que é o ritual. Citando Turner ela descreve: “o ritual é uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associados a uma cosmogonia ou aspectos diretamente ligados ao cotidiano da sociedade” (TURNER, 1974 apud COSTA, G., 2015, p. 52).

Já, em diálogo com Schechner, Costa (2015) salienta que ritual humano está ligado a uma manutenção da memória coletiva e individual dos membros de um grupo. Ela ressalta que “Os rituais são memórias em ação, codificadas em ações. Ainda afirma que o indivíduo é transportado da sua realidade cotidiana para o espaço-tempo ritual onde pode ou não sofrer uma transformação.”

Neste modo de ideia Schechner fala de dois tipos de rituais: o sagrado e o secular. Os rituais sagrados são aqueles desenvolvidos sob uma esfera de religiosidade. Os rituais seculares estão associados aos substratos ditos profanos, ou seja, a política, a vida cotidiana, a economia, as artes. (SCHECHNER, 2011 apud COSTA, G., 2015, p. 55).

De acordo com Santos (2016), os rituais normalmente são utilizados em distintas finalidades como em cerimónias de casamentos, processos de iniciação ou passagem, litúrgicos, comemorativos ou festivos, propiciatórios, mortuários, divinatórios, de cura, entre outros. Os Bakongos, em Luanda, foram se multiplicando cada vez mais, e Pereira (2000, p. 50) afirma:

Os regressados passaram a ocupar principalmente certos bairros da periferia de Luanda, mas não se restringiram a um gueto, morando também nos bairros do centro da cidade. Depreende-se disso uma grande diversificação entre os regressados quanto ao nível econômico, à escolaridade, à capacitação profissional, etc.

Os luandenses hoje acham difícil casar com uma mulher Bakongo pelo simples facto de ser um casamento bastante dispendioso daquilo que eles estavam acostumado a ter. Com o decorrer do tempo esse mesmo casamento vai perdendo o seu valor simbólico e nota-se uma relevância maior nos bens materiais do que na própria tradição que por muito tempo se fazia sentir naquela mesma etnia. De acordo com Santos (2016) nas sociedades africanas, as tradições são os elementos vitais da cultura, revividas e reforçadas à medida que são mantidas entre seus membros, mesmo sofrendo alterações no decorrer dos anos.

Portanto, dizem alguns Bakongos, que as mulheres naquela etnia não merecem os mesmos presentes que as mulheres luandenses ou de uma outra etnia pedem na “carta do pedido da mão da noiva”, comportamentos esses que tem levado uma certa discussão na capital do país achando-se que uma é superior a outra. Se no caso houver casamento entre ambos, nunca falta a complicação por não cumprimento de pagamento de dotes, e muitos entendem que isso chega a ser uma forma de extorquir os seus bens e acabam não casando e vivendo maritalmente. Culturalmente falando essa união em muitos casos acaba sendo infeliz por não realizarem o casamento.

## **2 OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar os ritos núpcias para compreender suas funções na realidade dos países africanos.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar os rituais feitos no casamento tradicional Bakongo “Kamalongo” em Luanda-Angola
- Identificar as mudanças que ocorreram com o passar do tempo na realização do casamento tradicional Bakongo “Kamalongo” em Luanda-Angola.
- Compreender porque os povos Bakongos de Luanda não casam suas filhas com homens que não sejam do seu grupo étnico.

### **3 HIPÓTESE**

O casamento tradicional na etnia Bakongo (kamalongo) é muito importante porque é realizado desde os tempos remotos e tem como o principal objetivo a valorização da mulher. Segundo Mbambi (1997), a mulher, nas sociedades africanas para quem não é feito o casamento tradicional, é considerada infeliz e desprezada. Sendo as mulheres as pérolas de uma sociedade por isso merecem uma prenda. E o casamento tradicional é nada mais nada menos do que essa prenda, por isso toda família quer ganhar esse prêmio.

Em Luanda o Kamalongo é tido como uma pedra no sapato, pelo fato dos Luandenses encaram-no como uma forma de extorquir os seus bens, por isso é muito difícil uma mulher Bakongo casar com um homem luandense através dessas contradições.

É mais fácil um Bakongo casar com uma mulher de uma outra etnia e não outros homens casarem com uma mulher Bakongo, ou acabam por não pagar devidamente os dotes ou mesmo chegam a não casar.

### **4 JUSTIFICATIVA**

O casamento tradicional na etnia Bakongo (Kamalongo) em Luanda é um tema bastante amplo que já vem ser estudado a muitos anos por pesquisadores angolanos e internacionais.

O meu interesse em estudar o casamento tradicional (kamalongo) em Luanda-Angola partiu desde muito cedo quando um dia presenciei um casamento de um vizinho dessa mesma etnia, no decorrer do tempo presenciei mais um casamento tradicional dessa vez na etnia dos meus pais “Ambundu” na qual a noiva era minha irmã e notei que existe uma grande diferença no que tange aos rituais de celebração, a alimentação, os dotes e os vestuários da parte dos noivos etc.

Na verdade, o casamento da etnia Bakongo me chamou mais atenção pela forma da sua organização e as etapas ritualísticas, surgiu-me esse desafio: se um dia eu tiver uma oportunidade, eu estudaria esse casamento. Desta feita, chegou essa oportunidade de realizar esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) para a obtenção do título do grau de Bacharel interdisciplinar em Humanidades.

De acordo com Barroso e Cunha (2008, p. 1), o casamento tradicional ou “kamalongo” na língua tradicional Kongo mais vulgarmente conhecido por “Alambamento”, essa palavra tem origem no Kimbundo e que sofreu ao longo dos anos aportuguesamento para “Alembamento”.

Nesse modo de ideia, selecionamos alguns trabalhos já estudados, dentre os quais menciono o trabalho de GILSON, Domingos (2016). *O Pedido (Alambamento): A perda do seu valor simbólico em Luanda – Angola*.

Com o passar do tempo em Angola podemos notar várias mudanças e o não cumprimento do casamento tradicional e muitos não tem notado ou pela sua ignorância desvalorizam uma das mais importantes herança cultural que nos foi deixada pelos antepassados.

Devido a influência colonial e, conseqüentemente, da cultura ocidental, o ritual do alambamento perdeu força, uma vez que muitas famílias já não praticam por forças da tal “civilização” ou mesmo por vergonha e acharem ultrapassado. (DOMINGOS 2016, p. 22).

Em Luanda surgiram várias mudanças nas regras do casamento Bantu na época da colonização portuguesa (1951 a 1970), dentre elas destacam-se os seguintes: a perda do valor da virgindade, o acréscimo do garrafão de vinho, a substituição da figura dos emissários (intermediários) por uma simples carta de pedido, o desaparecimento da “resistência matrilocal” temporária e a anulação do rito de passagem denominado por “mussula”, que marca a entrada da mulher ao status de mãe. (AGOSTINHO 2011 apud DOMINGOS, 2016, p. 22)

Essa pesquisa vem primeiramente com o intuito de despertar a sociedade africana especialmente Angola e principalmente os jovens, sendo eles os principais afetados com as táticas modernas e podemos perceber uma enorme crise cultural.

Partindo desses pressupostos, a minha pesquisa traz uma reflexão no que tange ao incentivo da prática do casamento tradicional de modo que quando os jovens que são a força motriz da sociedade, tiverem a oportunidade de fazerem uma leitura do meu trabalho, possam se lembrar que precisamos ressuscitar culturalmente falando porque cada dia que passa estamos perdendo a identidade que por muito tempo nos caracterizava. Este trabalho também futuramente servirá de material didático para as pessoas que optarem por pesquisar sobre o casamento tradicional na etnia Bakongo “Kamalongo” em Luanda-Angola e não só, como no seu todo. Na área política a minha pesquisa visa discutir sobre a exclusão do casamento tradicional no código da família angolana, tendo em conta o casamento civil e o casamento religioso com mais relevância na sociedade angolana. Porém a minha pesquisa vem com esse

intuito que é de explicar as etapas ritualística no casamento tradicional (kamalongo) na etnia Bakongo em Luanda-Angola.

## 5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 RITOS NÚPCIAS EM ÁFRICA E EM ANGOLA

Altuna (2014) afirma que, o casamento realiza um dos quatro ritos de passagem fundamentais na vida do bantu. O matrimónio é um motivo de passagem de um grupo sócio religioso a outro. O jovem esposo deixa o grupo dos célibes para entrar no dos pais de família. O casamento inaugura outro novo modo de ser, depois dos ritos de passagem do nascimento e da puberdade. (ALTUNA, 2014, p. 309).

A passagem da jovem aparece com maior nitidez nos ritos matrimoniais. A jovem já preparada para o matrimónio e para a maternidade considera-se mulher adulta. Por isso, é bastante frequente que seja iniciada, passe pelos ritos da puberdade, imediatamente antes do casamento, ou se prepare para este com um período de isolamento-separação, depois do qual renasce mulher adulta esposa. No homem, os ritos de separação-integração matrimoniais são menos míticos, visto que ele foi iniciado e renasceu homem adulto nos ritos da puberdade (ALTUNA, 2014, p. 309).

Nessa mesma linha de raciocínio Altuna (2014) ressalta que, o rito fundamental desenvolve-se durante alguns dias. Podemos condensá-lo nestes momentos entrega da jovem, o seu cortejo, entrada na casa do noivo, abluções dos esposos e comunicação à família do êxito da noite nupcial.

Durante este processo oferecem-se sacrifícios e realizam-se outros ritos complementares. Entre estes, merecem citar-se as lições que inculcam aos jovens o respeito filial pelos pais e sogros; a instrução simbólica sobre visitas de congratulação que se trocam entre os pais dos esposos, doravante unidos mais fortemente e por laços especiais” (ALTUNA, 2014, p. 320). O rito do banho em comum intenta unir solenemente marido e esposa e fazer deles um só ser. A água faz desaparecer o estado precedente de celibatários e santifica igualmente o novo estado de maturidade responsável e a vontade de procriar; torna o casal pronto. Em Angola existem três tipos de casamento, posso assim citar: o casamento civil que é feito no cartório; casamento religioso que é feito na igreja; e o casamento tradicional que é feito tanto nas aldeias como nas zonas urbanas segundo as tradições de cada etnia. Hoje em dia, Angola reconhecesse unicamente o casamento civil pois, o Estado angolano é

constitucionalmente um Estado laico (COSTA, M., 2012, p. 2). No art.º 35º nº1 da Constituição de Angola de 2010 está escrito que a família é o núcleo fundamental da organização da sociedade e é objeto de especial proteção do Estado, quer se funde em casamento, quer em união de facto, entre homem e mulher. (ASSEMBLEIA CONSTITUINTE, 2010, p. 14).

Mango (2017), por sua vez, ressalta que, na atualidade, algumas questões podem ser levadas em considerações, o exemplo das relações afetivas e amorosas que, em alguns casos resultam nos casamentos entre pessoas do mesmo sexo. (MANGO, 2017, p. 12).

## 5.2 POVOS BAKONGOS E SUA CULTURA

De acordo com Figueiredo (2010), os portugueses e outros europeus chegaram ao litoral do Reino do Congo, no fim do século XV, identificaram reinos e domínios, mais do que povos<sup>2</sup> e idiomas.

Essas sociedades viviam em um estado constante de competição interna, com suas linhagens empenhadas em acumular cada vez mais riqueza e prestígio. Por vezes, essa competição se transformava em conflito militar. Pessoas de outros grupos, ao serem capturadas, eram, muitas vezes, utilizadas no trabalho agrícola ou doméstico e tornavam-se cativos de guerra. (Figueiredo, 2010, p. 33).

Figueiredo (2010, p. 36) afirma que, depois da conversão do rei do Congo (Mani kongo) Nzinga a Nkuwa, foi batizado como D. João I. Ele mudou o nome da capital, Mbanza Kongo, para São Salvador e pediu aos portugueses o envio de padres, para ensinar aos seus súditos a nova religião. No fim do século XIX, durante as disputas em torno da área do Rio Congo pelas potências imperialistas, já na corrida colonial, Portugal se aproveitou de uma assinatura do Rei, reconhecendo a soberania portuguesa na área do Congo, para garantir suas pretensões sobre a região do então chamado Congo Português (Marcum, 1969: 50 apud Pereira, 2008, p. 29). Para Pereira (2008), foram os acordos posteriores à Conferência de Berlim que ocasionaram a divisão da área de fala kikongo por três fronteiras coloniais: a Angola portuguesa, o Congo dominado pelo Rei Leopoldo da Bélgica, depois Congo Belga, e o Congo Francês.

---

<sup>2</sup> Os mais importantes grupos populacionais da região são os *kongo* (ou bakongo), localizados na margem sul do baixo curso do rio Congo; os *mbundu* (ou ambundo, ou bundo), localizados ao redor da bacia do rio Kwanza (ou Cuanza); e os *umbundu* (ou ovimbundo), que se concentram no planalto central angolano. (Figueiredo, 2010, p. 33).

Por essa razão Pereira (2000, p. 49) afirma que, o período do colonialismo português em Angola consolidou a centralidade de Luanda como pólo político e econômico da colônia. A alta taxa de urbanização e o aumento da presença portuguesa com cada vez mais segregação entre africanos e metropolitanos faz de Luanda uma cidade com forte influência lusitana. Pereira ainda ressalta que, esse foi um dos motivos que levou os bakongos do norte/noroeste de Angola a imigrarem para Leopoldville, capital do Congo Belga aonde encontraram a sua principal referência.

Pereira (2008, p. 77) descreve: “O fundamento do parentesco kongo reside na Kanda<sup>3</sup> ou Nkanda. A Kanda se divide em linhagens, ou barriga “vumu”, ou seja, o grupo de descendência até a quarta geração, que regula os direitos de herança.” A colonização, o deslocamento de populações e o processo de urbanização, ainda que diferenciado nos três espaços coloniais (expressiva nos dois Congos, mas débil em Angola), implicaram na perda de poder político e no enfraquecimento da sucessão e da herança da posse da terra. A urbanização, de modo mais definitivo, fez cessar totalmente o exercício do poder das chefias sobre a terra e sua alocação. (PEREIRA, 2008, p. 78).

Pereira (2008, p. 78) com muita propriedade nos lembra, ao comentar essa situação, em Luanda “A uma categoria importante, intermediária entre a Kanda e a linhagem, que são as casas nzo, que dividem a Kanda em três seções e regulam o acesso à terra. No espaço urbano, não só não se coloca mais o direito à terra, como a distribuição residencial é submetida a outras circunstâncias.” Partindo do pressuposto, todavia percebemos uma continuidade do sistema virilocal a mulher se desloca para viver junto ao marido. Até certo ponto, diz Pereira (2008, p. 78), atualmente as estruturas da matrilinearidade têm a função, basicamente, de regular os casamentos dentro do grupo fora da Kanda, de definir o grupo de herança, bem como de estabelecer a autoridade dentro da família, perdurando o sistema de chefia familiar centrada na figura do tio materno ou tio-avô materno, o membro mais velho da Kanda nkazi.

Para tanto, Pereira (2008) entende que existe uma dualidade entre influência das famílias materna e paterna que se reproduz nas situações de casamento tradicional, quando se divide os bens recebidos pela família do noivo entre a família do pai e a família materna da noiva, parece indicar, todavia, que está tensão não é tão recente, estando inscrita no sistema kongo.

---

<sup>3</sup> Kanda (família) é o grupo de parentesco organizado em linha materna, descendente de uma antepassada comum. A kanda é designada por um nome em ki (ex.: Kimbenza, Kimulazo, Kinlaza) e define o grupo exógamo. Empiricamente, a Kanda costuma estar associada ao clã (mvila), embora aquela faça mais referência ao grupo local do que o clã, que remete à categoria de descendência mais ampla e não implique em exogamia.” (MACGAFFEY, 1986, P. 18 apud PEREIRA, 2008, P. 77).

### 5.3 CASAMENTO TRADICIONAL OU KAMALONGO

O casamento aqui estudado é aquele ligado ao mundo bantu de Angola que tem como grande objetivo a aliança entre famílias e a valorização da mulher naquela cultura. A respeito Domingos (2016, p. 15) observa:

O casamento bantu considera-se como uma instituição social que fundamenta a aliança entre grupos familiares. Entre os luandenses o vínculo que legitima esta aliança é o casamento tradicional (Alambamento). O casamento para os bantu em geral, organiza-se e simboliza sobretudo a transmissão de vida e de bens culturais.

Na mesma linha de raciocínio, Pereira (2008) define o Kamalongo como a cerimônia do casamento tradicional kongo. O longo é o conjunto de bens que a família do noivo deve dar à família da noiva. Equivale ao alambamento, na área kimbundu, e é consagrado pela literatura antropológica como o lobolo expressão mais utilizada na parte sul oriental da África.

A cerimônia do Kamalongo é uma das mais importantes cerimônias da sociedade Bakongo, onde não está em jogo apenas a formação de uma nova família, mas o estabelecimento de uma aliança pública entre duas famílias, acarretando a troca de bens que simbolizam o reconhecimento, pela família do noivo, do trabalho dispensado pela família que gestou e criou a principal força produtiva e reprodutiva da sociedade, a mulher, que passa então a residir com a família do marido, e a produzir dentro desta nova família, filhos e trabalho. (PEREIRA, 2008, p. 92).

Por outro lado, Barroso e Cunha (2010, p. 2) de modo geral, entendem que essa cerimônia é de grande importância cultural em Angola, pela própria manutenção dos hábitos e costumes que identificam determinado povo, bem como pela valorização da mulher e da família que a criou.

Para os Bakongo, a família do noivo, especificamente o pai levava consigo um garrafão de maruvo<sup>4</sup>, cigarros, uma vaca ou galinha e noz de cola<sup>5</sup> para assim confirmarem a união dos

---

<sup>4</sup> Maruvo é uma bebida feita da seiva das palmeiras misturada com o fermento e um pouco de açúcar, quanto mais fermenta, mais aumenta a percentagem de álcool. É muito consumida sobretudo no norte de Angola, onde tem funções sociais precisas, como a cerimônia do alambamento, óbitos, no final de uma festa ou agradecimento ao voluntariado comunitário nas zonas rurais.

<sup>5</sup> A noz de cola é um fruto existente em toda a África litorânea e comercializado para o interior do continente. Com efeito estimulante, é principalmente um símbolo de amizade, de partilha de significados, de hospitalidade, de aliança, sendo utilizado tanto em reuniões formais como em conversas amistosas. Cercado de simbologias entre os Bakongo, pela sua cor leitosa, que remete tanto à ancestralidade quanto à potência masculina, associado ao sêmen, é complementar e oposto ao óleo de palma, extraído do fruto da mesma palmeira, de cor vermelha, que é associado ao fluxo vital e feminino. A palmeira assim sintetiza a complementaridade entre os sexos apontando para o masculino vinho de palma, “lubrificante essencial para ocasiões sociais” e o feminino óleo de palma, principal óleo com o qual se cozinha, a atividade doméstica elementar (MacGaffey, 1986, p. 130 apud Pereira, 2008, p. 94).

noivos mesmo na fase infantil de modo a evitarem pretendentes. Com o passar do tempo as coisas foram mudando e hoje para casar com uma mulher da etnia Bakongo é exigido passar mais ainda em várias etapas ritualísticas. A primeira etapa consiste na elaboração da carta. O homem que tiver intenção de construir uma família, deve endereçar uma carta ao pai da futura noiva pedindo oficialmente a mão da filha. Esta carta, conforme Pereira (2008, p. 91) pode vir acompanhada de uma certa quantidade em dinheiro e/ou um presente, como uma garrafa de whisky. Em seguida a família da noiva vai observando de que kanda o pretendente pertence e a partir daí ele vai responder sim ou não. A etapa a seguir é chamada de kinzitikila<sup>6</sup>, caso o pai responder positivamente a família do noivo é convocada para assim confirmarem a futura união entre os dois, para que não haja mais pretendentes e é redigida uma lista dos dotes a serem entregues no dia da cerimônia. Normalmente a lista é composta por:

Dois panos, um para a mãe da noiva e outro para a tia trata-se da tia paterna; um terno completo calça, camisa, colete, gravata, paletó, sapato para o pai da noiva, alguns engradados de refrigerante ou cerveja que variam de 7 a 14 engradados, dois lenços de cabeça para cada uma das avós, um petromax tipo de lamparina, sobretudo um casacão para o tio materno por vezes ouvi também avô materno. Há também um valor em dinheiro que é acordado durante a cerimônia.

Para Pereira (2008, p. 92), no dia da cerimônia, o advogado tradicional da família da noiva começa com a solenidade do Yala Nkuwu<sup>7</sup> aonde a família da noiva dá as boas-vindas a família do noivo, é nessa solenidade aonde a família do noivo faz as entregas dos bens que lhes foi pedido, no caso os dotes. Os pais da noiva no momento da cerimonia, eles não tem poder sobre a filha<sup>8</sup>.

Conforme Bairon (2015), se a família do noivo tiver algo a falar durante a solenidade, antes deve bater palmas de modo a pedir permissão e somente deve falar na língua Kikongo, se for o caso de um Luandense e uma Bakongo, deve haver tradutor. Os noivos não fazem parte desse momento, ficam ausentes esperando que esteja tudo acertado. Se os noivos já vivem juntos antes mesmo do kamalongo e já tem filhos, a cerimonia é feita na casa do noivo de modo que a família da noiva vai a busca daquilo que lhes pertence (os dotes) e a multa é maior, pois diz-se que o noivo pulou a janela. (BAIRON, 2015). Ainda Pereira (2008) afirma que, se no caso o noivo não dá o longo<sup>9</sup>, ele não deve ter de modo algum poder sobre os filhos. Nesse caso, a

---

<sup>6</sup> Kinzitikila, palavra em kikongo que significa “promessa de casamento”.

<sup>7</sup> Yala Nkuwu, momento em que a família da noiva dá as boas-vindas a família do noivo.

<sup>8</sup> Lembrar que os pais apenas no dia da cerimônia se desfazem completamente da responsabilidade da sua filha, mas depois tudo volta ao normal pois a filha pertencendo a sua família os pais tem poder sobre ela.

<sup>9</sup> Longo é o conjunto de bens que a família do noivo deve dar à família da noiva.

família da noiva é quem fica sobre a custódia dos filhos. Se com tempo a filha for pedida em casamento automaticamente o longo passa para a família da noiva de modo a recompensar pela formação e por tudo que gastaram por ela. Segundo Bagnol (2008), esse acontecimento antes da cerimônia na zona sul de Moçambique é chamado de Muphalhlu.

Depois desse momento, de acordo com Bairon (2015), é colocado vários tecidos de panos no chão da porta para a entrada do noivo. Este que entra acompanhado pelo padrinhos e uma comitiva de suas tias e em muitos casos uma tia paterna da família da noiva recebe o noivo limpando seus sapatos, seu suor e perfumando lhe. Também é recebido com danças, músicas em Lingala<sup>10</sup> ou kikongo<sup>11</sup> e os aplausos, de uma forma muito carinhosa, o noivo senta em uma cadeira muito privilegiado enquanto espera a noiva. (BAIRON, 2015).

Bairon (2015) por sua vez, diz que depois de alguns minutos a espera, é chegada então o grande momento da cerimonia que é a entrada da noiva, acompanhada de um cortejo de dançarinas, tias, amigas e músicas em Lingala ou kikongo. O noivo se coloca em pé para receber a sua mais que tudo, a noiva levanta as duas mãos ao ar de modo a agradecer e a se despedir da família porque aquele é o momento em que ela é entregue nas mãos do noivo para assim a levar, por outro lado a mãe e o pai choram de alegria e ao mesmo tempo de tristeza porque é mais um elemento da casa a ser tirada. Depois de tudo, chega-se então a hora da refeição, os noivos são servidos primeiros e a seguir a família do noivo e depois todos os convidados e encerra-se então a cerimonia em um ambiente de alegria, música e dança. (BAIRON, 2015).

## 6 METODOLOGIA

Esse projeto será executado a partir de uma abordagem interdisciplinar dos Estudos Africanos, privilegiando as abordagem de Antropologia, Sociologia e História.

Entende-se por interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora. (CAPES, 2009, p. 6).

---

<sup>10</sup> Lingala: língua veicular de Kinshasa.

<sup>11</sup> Kikongo: língua materna Bakongo.

Para Hountondji (2008), quando falamos de estudos africanos, normalmente estamos a referir-nos não apenas a uma disciplina, mas a todo um leque de disciplinas cujo objeto de estudo é África. Entre estas incluem-se, frequentemente, disciplinas como a história africana, antropologia e sociologia africanas, linguística africana, política africana, filosofia africana, etc. (HOUNTONDI, 2008, p. 140).

## 7 COLETAS DE DADOS

Para elaboração deste trabalho será utilizada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental para coleta de dados na qual passaram por um processo de análise e interpretação. Segundo Gil (2002), essa modalidade de pesquisa é desenvolvida com base em material já elaborado. Com base nisso usaremos a biblioteca da nossa universidade, do Centro de Estudos Afro-Asiático da UFBA, da Casa Cultural de Angola e a internet para baixamos livros, teses, dissertações e artigos sobre o tema. Para Severino (2007, p. 122) a pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Documentos esses que ainda não passaram por nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima na qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

Pretendemos igualmente fazer uso da pesquisa de campo para coleta de dados. Essa será feita a partir de uma entrevista não estruturadas com oito angolanos/as da Etnia Bakongo de Luanda, casados/as e que estudam na Unilab. Segundo Richardson (2012, p. 208):

Esse tipo de entrevista pode ser respondido por meio de diversas alternativas pré-formuladas que visa obter do entrevistado o que ele considera os aspetos mais relevantes de determinado problema em que as descrições de uma situação em estudo por meio de uma conversa guiada, pretende obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa.

Pretende-se entrevistar quatro mulheres e quatro homens, tendo em conta os condicionamentos de realidade de ser homem e mulher nas vivências do rito de Kamalongo. Essa pesquisa que procura saber que, como e porque algo ocorre em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências nas quais o pesquisador acredita. Portanto usaremos também a minha experiência de vida enquanto luandense e apreciador da tradição Bakongo.

## 7.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Para análise e interpretação de dados coletados, optamos a proposta de Romeu Gomes, na qual ele denomina Método de interpretação de Sentido. Segundo Gomes (2012), esse método que procura ir mais profundo daquilo que o conteúdo nos oferece, visa interpretar palavras, ações, conjuntos de inter-relações, grupos e instituições, que de certa forma nos apresentaram dados mais amplo e coeso.

## 8 CRONOGRAMA DE TRABALHO

Atividades a serem desenvolvidos	2016		2017		2018
	1º Semestre	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre
Aulas presenciais, participação do grupo de pesquisa; orientações	X	X	X	X	X
Coleta de dados, leitura e fichamentos	X	X	X	X	
Elaboração do pré-projeto				X	
Elaboração do projeto				X	X
Entrega do projeto, defesa de TCC					

## REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed.-São Paulo: Atlas,2002.
- DOMINGOS, Gilson Armindo. **O pedido (o alambamento): a perda do seu valor simbólico em Luanda – Angola**. / Gilson Armindo Domingos. Redenção/CE, 2016
- MANGO, Aldair Albertino. **Casamento da etnia papel na guiné-bissau: celebração de um pacto entre duas pessoas ou duas famílias?** São Francisco do Conde-BA, 2017
- PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda**. / Luena Nascimento Nunes Pereira. - São Paulo: Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, 2008
- MBAMBI, Moises. **O alambamento nos direitos africanos**, 1997. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/vie/12814864/moises-mbambi-o-alambamento-nos-direitos-africanos>>. Acesso em: 15/03. 2018.
- BAGNOL, Brigitte. **Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique**. *Análise Social*, vol. XLIII (2.º), 2008, 251-272
- BARROSO, Nuno Paulino. **O casamento tradicional em Angola**. Universidade Federal de São João del Rei. 2010
- RICHARDSON. Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e Técnicas/ Roberto Jarry Richardson - 3.º Edição**, Revista Ampliada. 2012
- PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os regressados na cidade de Luanda: um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola**. Dissertação de Mestrado. PPGAS/USP, 2000.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001
- COBE, Francisco Narcisco. **Novo dicionário português kikongo**. Mayamba Editora, Luanda, 2010.
- AGOSTINHO, Mateus. **Alambamento no seio dos Ambundu da Província de Luanda**. Monografia (licenciatura em Antropologia) – Universidade Agostinho Neto, Luanda, 2011.
- ALTUNA, PE. Raul Ruiz Asúa. **Cultura tradicional Bantu**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2014.
- GOMES, Romeu. “**Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 79-107.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. Ver e atual, São Paulo: Cortez, 2007.

COSTA, G. A. **Ritual em Richard Schechner e Victor Turner: aspectos de um diálogo interdisciplinar.**

HOUNTONDJI, Paulin J. **Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os estudos Africanos.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 149-160.

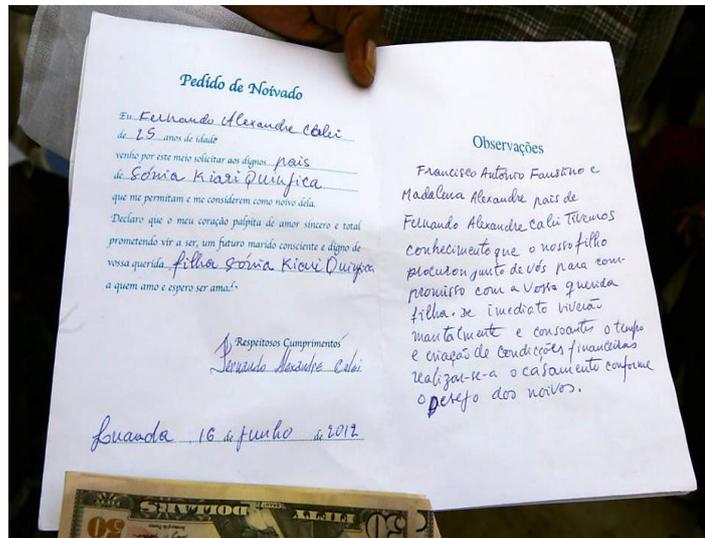
ASSEMBLEIA CONSTITUINTE. **Constituição da república de Angola.** Luanda. 2010.  
BAIRON, Sérgio. **ALAMBAMENTO: encontro de clã no pedido de casamento Bakongo.** 2015. Luanda: Palanca.

**COOREDENAÇÃO DE APERFEÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR:** CAPES- diretoria de avaliação- DAV. Documento de área, 2009. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/INTER03ago10.pdf>>. Acessado em: 04/05/2018.

FIGUEIREDO, Baqueiro Fábio. **A África vista do Brasil.** Unidade I, 2010.

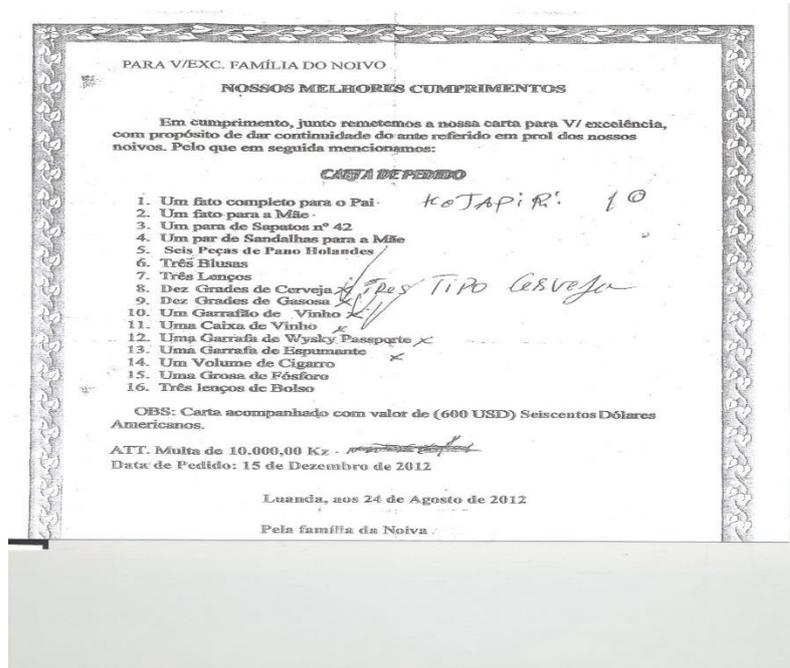
**ANEXOS**

## ANEXO A - Carta de pedido de noivado



Fonte: [http://www.ualmedia.pt/resources/images\\_2013/new4media/fotogaleria/alembamento/image\\_\\_8a\\_.j](http://www.ualmedia.pt/resources/images_2013/new4media/fotogaleria/alembamento/image__8a_.j). Acessado em: 16/03/2018

## ANEXO B - Lista de dotes



Fonte: [http4.bp.blogspot.com/liuTR\\_ft1AAUO\\_NXHnm18IAAAAAAAAAACQEYkH74Q5Q2tYs1600alambamento%2B001.jpg](http4.bp.blogspot.com/liuTR_ft1AAUO_NXHnm18IAAAAAAAAAACQEYkH74Q5Q2tYs1600alambamento%2B001.jpg). Acessado em: 4/05/2018

**ANEXO C** - Conversa entre os membros das duas famílias; Entrega dos dotes



Fonte: <https://christiannethomesviana.blogspot.com/2014/01/antropologia-cultural-etnia-bakongo.html>. Acessado em: 16/03/2018